

MARCIA TIBURI

FEMINISMO EM COMUM

PARA TODAS, TODES E TODOS

1ª edição



Rio de Janeiro

2018

Copyright © Marcia Tiburi, 2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T431f

Tiburi, Marcia

Feminismo em comum [recurso eletrônico] : para todas, todes e todos /
Marcia Tiburi. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 2018.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10010-8 (recurso eletrônico)

1. Feminismo. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

17-46921

CDD: 305.42

CDU: 316.345.2-055.2

Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela

EDITORA ROSA DOS TEMPOS

Um selo da

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Produzido no Brasil

2018

SUMÁRIO

1. Feminismo já!
2. Pensar o feminismo
3. Somos todas trabalhadoras
4. Autocrítica: o feminismo para além do medo e da moda
5. O feminismo é o contrário da solidão
6. Da misoginia ao diálogo
7. O feminismo e o feminino
8. Lugar de fala e lugar de escuta: feminismo dialógico como encontro das lutas
9. Ideologia patriarcal
10. Direito de ser quem se é
11. Mulheres e feministas: o problema da identidade
12. As potências do feminismo: da ético-política à poético-política
13. Ser feminista: relatar a si mesma
14. A violência e o poder
15. Minorias políticas, lugar de fala e lugar da dor: a questão do diálogo em nome de direitos
16. Política da escuta
17. Pensar juntas, juntas e juntos por um feminismo em comum

1. FEMINISMO JÁ!

Feminismo é uma dessas palavras odiadas e amadas em intensidades diferentes. Assim como há quem simplesmente rejeite a questão feminista, há quem se entregue a ela imediatamente. Talvez seja o momento de parar e perguntar por que há pessoas que temem o feminismo e por que há outras tantas que depositam todas as fichas nele?

Talvez não haja um meio-termo entre as paixões do medo e da esperança em torno de um movimento tão expressivo como esse. Assim como talvez não haja equilíbrio possível entre o amor e o ódio que o atinge. Conclamar as pessoas para que sejam mais razoáveis com relação ao que o feminismo – como filosofia, como teoria e como prática – tem a nos dizer e a nos ensinar pode ser um bom começo, mas não resolverá muita coisa enquanto não aprofundarmos nossa compreensão acerca do seu sentido e da sua presença na sociedade em que vivemos. Retirar o feminismo da seara das polêmicas infundáveis e enfrentá-lo como potência transformadora é o que há de urgente. Vale nesse momento, enfrentar essa urgência.

2. PENSAR O FEMINISMO

O feminismo deve ser pensado e analisado e, a partir daí, potencializado na prática. Do contrário, corre o risco de não chegar aonde poderia. Impulsos indignados o movem e, na contramão, outros impulsos também indignados tentam destruí-lo. Escrevo isso pensando que o feminismo também pode se tornar mais um desses ideais que não produzem maiores consequências para o todo. Um murro em ponta de faca. Como simples indignação moral, não há garantia de que o feminismo possa se transformar em ação ético-política responsável. E é isso o que queremos.

Em uma sociedade patriarcal, costumamos nos posicionar diante do feminismo. Seja qual for a posição que se assuma, é fato que ele deveria ser sempre pensado de modo analítico, crítico e autocrítico, como se deve fazer quando se tratam de posturas teóricas e práticas que exigem nosso senso de consequência. Só podemos pensar analítica e criticamente se respeitamos o objeto de nossas intenções reflexivas e, ao mesmo tempo, não evitamos realizar a autocrítica. Falo isso pensando em muitas pessoas, nas que pensam no feminismo como a grande saída para as injustiças e desigualdades sociais e naquelas que não conseguem ver nele mais do que um “ismo”, um termo carregado de ideologia e marcado por um uso apenas espontâneo.

Não há nada mais importante na vida do que aprender a pensar, e não se aprende a pensar sem aprender a perguntar pelas condições e pelos contextos nos quais estão situados os nossos objetos de análise e de interesse. A crítica não é necessariamente a destruição daquilo que se quer conhecer. Ela pode ser uma desmontagem organizada que permite a reconstrução do objeto anteriormente desmontado. Ela pode ser também uma atenção especial que damos às coisas e ao nosso próprio modo de pensar, que vem melhorar o nosso olhar. Toda forma de crítica, desde que seja honesta, é válida, mas considero que nesse último sentido, como

atenção cuidadosa, é possível seguir aproveitando ao máximo as potências do pensamento que visa à transformação do mundo ao qual o feminismo, como ético-política, necessariamente se liga.

É com esse espírito que devemos nos perguntar aonde, afinal, nos levará o feminismo. Pensando nesse lugar, ao qual pretendemos chegar, talvez possamos encontrar uma resposta ou pelo menos uma orientação para pensar melhor nas questões teóricas do feminismo, nesses temas que todos os dias nos convocam quando percebemos que somos – mulheres e não mulheres, pessoas inscritas no âmbito LGBTT e também homens – sujeitos e assujeitados a um mundo patriarcal que o feminismo vem questionar. Um mundo conservador que se abala com a mais leve pluma de crítica.

O feminismo nos leva à luta por direitos de *todas, todes e todos*. *Todas* porque quem leva essa luta adiante são as mulheres. *Todes* porque o feminismo liberou as pessoas de se identificarem somente como mulheres ou homens e abriu espaço para outras expressões de gênero – e de sexualidade – e isso veio interferir no todo da vida.¹ *Todos* porque luta por certa ideia de humanidade (que não é um humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos outros gêneros e, até mesmo, das outras espécies) e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo realmente democrático, coisa que o mundo machista – que conferiu aos homens privilégios, mas os abandonou a uma profunda miséria espiritual – nunca pretendeu realmente levar à realização.

Para começarmos nosso processo de compreensão sobre o feminismo, podemos defini-lo como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. Nesse processo de subjugação, incluímos todos os seres cujos corpos são medidos por seu valor de uso: corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida, para a produção do prazer alheio, que também compõem a ampla esfera do trabalho na qual está em jogo o que se faz para o outro por necessidade de sobrevivência.

1. Para identificar o gênero não binário neste livro, em lugar de “x” ou “@”, optamos por usar a letra “e” (como em “todes”) – de modo a não criar barreiras para a acessibilidade do conteúdo por deficientes visuais.
[*N. da E.*]

3. SOMOS TODAS TRABALHADORAS

Não podemos pensar em feminismo sem pensar em trabalho. O trabalho é uma necessidade que a civilização nos impõe. Ele é o oposto do prazer. Ora, o prazer custa caro em uma sociedade capitalista. O capitalismo, por sua vez, é uma das condições dentro das quais o feminismo surge. Seu contexto é o da dominação e da violência, da exploração, da opressão, mas também o de muita sedução. Ora, o trabalho é o oposto do prazer, mas o prazer também depende do trabalho. No caso, o trabalho dos outros e, sobretudo, das outras.

Vamos começar pensando sobre o trabalho, que é um verdadeiro problema de gênero. Não temos muito apoio filosófico para falar disso, pois poucas vezes os filósofos se preocuparam em entender o lugar do trabalho na vida das mulheres. Foram as mulheres, sobretudo as feministas, que tiveram consciência da condição feminina, as que conseguiram transformar em tema de análise o trabalho das mulheres.²

É mais do que curioso analisar onde, como e quando as mulheres trabalham. Desde que nasce, não é um exagero dizer, uma menina está condenada a um tipo de trabalho que se parece muito com a servidão que, em tudo, é diferente do trabalho remunerado ou do trabalho que se pode escolher dependendo da classe social à qual se pertence. Em muitos contextos, lugares, países e culturas, meninas e jovens, adultas e idosas trabalharão para seu pai, os irmãos, para o marido, para os filhos. Serão, apenas por serem mulheres, condenadas ao trabalho braçal dentro de casa, a serviço de outros que não podem ou não querem trabalhar como elas.

Mesmo quando tiver um emprego fora de casa, a maior parte das mulheres trabalhará mais do que os homens que, de um modo geral, não fazem o serviço da casa. Acumularão o trabalho remunerado com o não remunerado. Terceiras e, até mesmo, quartas jornadas – vale dizer mais



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.